

O esqueleto que assusta Ceilândia

FOTODS: SÉRGIO ALMEIDA

CONSTRUÇÃO ABANDONADA NA GUARIROBA VIRA ABRIGO DE BANDIDOS E DROGADOS

redes erguidas, formando um grande labirinto. A salgadeira Zilda Maria da Cunha, de 38 anos, que mora na QNN 6, diz que, pelas suas contas, a construção está abandonada há uns dez anos. "Começou a ser construída na época do Collor", afirma, referindo-se ao ex-presidente Fernando Collor, que assumiu o governo em 91. Ela conta que durante este tempo o local já foi ocupado várias vezes por invasores que estão sempre voltando. Além disso, ela já presenciou meninos de rua usando drogas, como cola de sapateiro, e a polícia prendendo bandidos escondidos no esqueleto.

A revolta de Zilda é a mesma do servidor público Mário Augusto, de 36 anos. De acordo com o vizinho da construção, quando a obra começou, a promessa era de

Crianças que estudam no Centrão têm de cruzar a construção todos os dias

que seria uma creche para abrigar as crianças da área da Guariroba, em Ceilândia Norte. "Como pode ter se transformado em um abrigo para marginais e ninguém ter tomado providências neste tempo todo?", questiona. O maior problema, para Mário Augusto, é com relação às crianças que estudam no Centrão da



QUEM é obrigado a passar em frente à construção sente medo porque o local está sempre ocupado por estranhos

Guariroba, e ficam expostas aos perigos durante a travessia pelo local.

"Esse lugar enorme poderia estar abrigando menores abandonados, mães solteiras, idosos, que ficam jogados nas ruas", sugere Zilda, que há anos luta por um espaço assim na região. E, ao que parece, sua luta pode estar chegando ao fim. De

acordo com a diretora do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) da Guariroba, Célia Cristina Serra, está em andamento um projeto que tem o objetivo de transformar o esqueleto em um centro de atividades sócio-educativas voltadas para crianças e adolescentes.

Segundo a diretora, isso só foi possível graças a uma

parceria firmada com a Secretaria de Ação Social, responsável pelo CDS, e o Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam), que assumiu a responsabilidade pelo local, comprometendo-se a finalizar a obra e a instalar ali uma série de atividades como oficinas de trabalhos manuais, educacionais e também de orientação psi-

cológica, a exemplo do trabalho que é desenvolvido pelo próprio instituto em Ceilândia Sul. "É extremamente necessário um local para atender a demanda do local, que grita por socorro", diz a diretora, referindo-se às 300 crianças, segundo levantamento do CDS, que moram na região da Guariroba.

Governo acatará sugestão da comunidade

A diretora do Centro de Desenvolvimento Social da Guariroba, Célia Cristina Serra, confirma que o prédio foi erguido logo que o ex-presidente, Fernando Collor de Mello assumiu a Presidência da República e seria destinado a um Centro de Integração e Desenvolvimento (CID), com o mesmo objetivo de acolher crianças e adolescentes. A responsabilidade pela construção era da Legião Brasileira de Assistência (LBA), dirigida pela ex-pri-

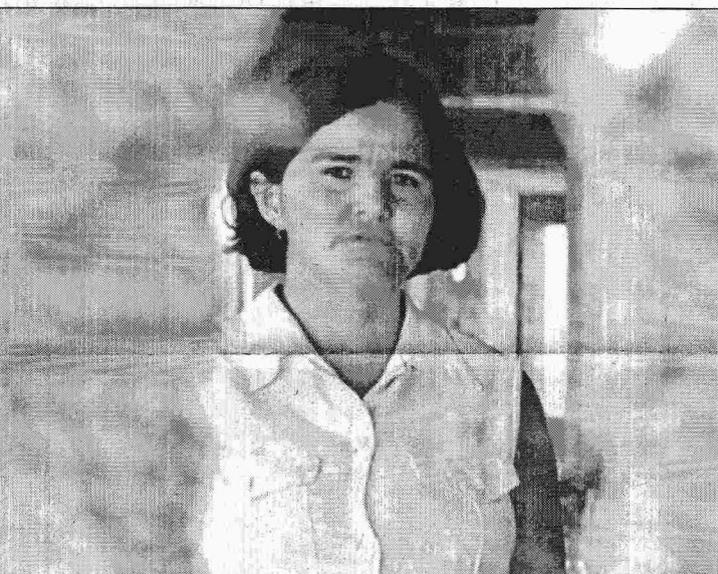
meira-dama, Rosane Collor. Depois do escândalo que culminou com a extinção do órgão, em 92, a obra foi embargada e caiu no esquecimento.

De acordo com a diretora, o prédio foi herdado pela Secretaria de Ação Social, como determina a legislação - que estabelece a transferência de responsabilidade para o órgão de nível estadual imediato em casos de extinção de órgãos do governo federal -, e, depois de muitas idas e vindas, a parceria com

o Instituto de Pesquisa de Ação Modular (Ipam) vai viabilizar um destino para o esqueleto. "Mesmo tendo entrado por acaso nesta história, a secretaria e o CDS trabalharam para dar o rumo que a comunidade queria para a obra, agora é só ter um pouco mais de paciência", diz Célia.

Além da promessa de que a construção finalmente será concluída, a diretora contou que a Secretaria de Ação Social contratou uma

firma de segurança para fazer a vigilância do local por 24 horas. "Trabalhamos em escala para garantir aos moradores que o que acontecia aqui não vai mais acontecer", afirma Leandro Gomes Amaral, segurança do dia. Ele, morador do P Sul, conta que conhece a obra desde quando era adolescente, quando chegou a local, e que jamais imaginou que um dia iria trabalhar como vigilante da construção. (L.L.)



ZILDA Maria luta para que o prédio cumpra uma função social